

Poemas de
José de Mota de Souza

ESBOÇO

Extrema e densa morte, pega-me a mão.
Sou teu, conduz-me ao barco que ancoras
No derradeiro cais da vida humana.

Ao longe, os olhos quase não vislumbram
Os rastos gastos de sapatos sujos,
deixados sob a cama em que morri.

Foi o gesto maquinal da vista nua
Indesejando o fel da festa da alma;
Porém, o corpo sucumbiu à dor

E viu, enfim, que a vida é abjeta
Se a concebemos com prazeres vis.
De tudo, resta-me, arde-me esta nova

E fria vida, sem tolices fúteis.
Ah, Morte, amiga digna, temem-te
Os homens por se darem à ignorância,

Pois só existir não basta, é preciso
Doer no cerne da existência crua.
Morrer é o gesto que condena ou sagra

O fim de tudo em nós, que ao pó tornamos.

São Luís - MA, 2022.